

O PROJETO PAISAGÍSTICO E O BEM-ESTAR SOCIAL

DESEÑO DEL PAISAJE Y BIENESTAR SOCIAL

LANDSCAPE DESIGN AND SOCIAL WELL-BEING

MELO, MIRELA DAVI

Mestra e Doutoranda em Desenvolvimento Urbano (PPGDU/ UFPE). E-mail: mirelamelo.arq@gmail.com

SÁ CARNEIRO, ANA RITA

Doutora em Arquitetura pela Oxford Brookes University. Professora da graduação e pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo MDU/UFPE e coordenadora do Laboratório da Paisagem. E-mail: ana.cribeiro@ufpe.br

BRITTO LEITE, MARIA DE JESUS

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP. Professora da graduação e pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo MDU/UFPE e coordenadora geral do Centro de Estudos Avançados da UFPE. E-mail: maria.bleite@ufpe.br

RESUMO

A paisagem é objeto de investigação de vários campos disciplinares, logo, pode ser compreendida por distintos meios e o projeto paisagístico é um deles. O paisagista se destaca como figura importante nesse cenário, uma vez que é o profissional responsável por elaborar projetos pertinentes aos contextos em que se inserem. Para isso é necessário fazer uma articulação entre os aspectos materiais e imateriais existentes no espaço. O bem-estar é um desses aspectos imateriais que deve ser considerado. Este artigo tem como objetivo identificar aspectos do projeto paisagístico de parques, praças e jardins que possam proporcionar o bem-estar paisagístico, à medida que esses espaços são apropriados. Nesse sentido, foram tomados como referências projetos dos paisagistas Olmsted e Burle Marx, o que permitiu identificar, de modo geral, dois princípios projetuais principais: o traçado e a representação da natureza. Tais princípios estão relacionados às estruturas materiais do lugar como: topografia, atividades, arquitetura circundante, fluxos. Por outro lado, sabendo que o bem-estar é um estado mental e que é uma condição subjetiva humana, o neurocientista Berthoz (1997) elenca três necessidades fisiológicas do cérebro humano – regularidade, surpresa e movimento – que proporcionam o sentimento de bem-estar que supostamente podem ser alcançados no meio material. Nesse âmbito, mesmo estando em campo subjetivo, o bem-estar pode ser considerado uma das características físicas do ambiente. Assim, foi possível investigar nas praças do bairro da Torre, na cidade de João Pessoa-PB, de que forma os princípios discutidos por Berthoz (1997) são trabalhados no projeto de cada praça.

PALAVRAS-CHAVE: experiência de paisagem; projeto paisagístico; bem-estar; neurociência.

RESUMEN

El paisaje es objeto de investigación en varios campos disciplinarios, por lo tanto, puede ser comprendido a través de diferentes medios y el diseño del paisaje es uno de ellos. El paisajista se destaca como una figura importante en este escenario, ya que es el profesional responsable de desarrollar proyectos pertinentes a los contextos en que se insertan. Para ello es necesario establecer una conexión entre los aspectos materiales e inmateriales que existen en el espacio. El bienestar es uno de esos aspectos intangibles que hay que tener en cuenta. Este artículo pretende identificar aspectos del diseño paisajístico de parques, plazas y jardines que puedan aportar bienestar paisajístico, según sean estos espacios los apropiados. En este sentido, se tomaron como referencias proyectos de los paisajistas Olmsted y Burle Marx, lo que permitió identificar, en general, dos principios principales de diseño: la disposición y la representación de la naturaleza. Estos principios están relacionados con las estructuras materiales del lugar como: topografía, actividades, arquitectura circundante, flujos. Por otro lado, sabiendo que el bienestar es un estado mental y que se trata de una condición humana subjetiva, el neurocientista Berthoz (1997) enumera tres necesidades fisiológicas del cerebro humano – regularidad, sorpresa y movimiento – que proporcionan la sensación de bienestar que supuestamente puede alcanzarse en el entorno material. En este contexto, aunque sea en un ámbito subjetivo, el bienestar puede ser considerado una de las características físicas del entorno. De esta forma, fue posible investigar en las plazas del barrio de Torre, en la ciudad de João Pessoa-PB, cómo se trabajan los principios discutidos por Berthoz (1997) en el diseño de cada plaza.

PALABRAS CLAVES: experiencia paisajística; diseño del paisaje; bienestar; neurociencia.

ABSTRACT

Landscape is the object of research in several disciplinary fields, and therefore can be understood through different means, and landscape design is one of them. The landscaper stands out as an important figure in this scenario, since he or she is the professional responsible for developing projects that are relevant to the contexts in which they are inserted. To this end, it is necessary to establish a connection between the material and immaterial aspects of the space. Well-being is one of these immaterial aspects that must be considered. This article aims to identify aspects of the landscape design of parks, squares and gardens that can provide landscape well-being, as these spaces are appropriated. In this sense, projects by landscape architects Olmsted and Burle Marx were taken as references, which allowed us to identify, in general, two main design principles: the layout and the representation of nature. These principles are related to the material structures of the place, such as: topography, activities, surrounding architecture, flows, among others. On the other hand, knowing that well-being is a mental state and that it is a subjective human condition, neuroscientist Berthoz (1997) lists three physiological needs of the human brain – regularity, surprise and movement – that provide the feeling of well-being.



REVISTA

PROJETAR

Projeto e Percepção do Ambiente
v.10, n.3, setembro de 2025

that can supposedly be achieved in the material environment. In this context, even though it is in the subjective field, well-being can be considered one of the physical characteristics of the environment. Thus, it was possible to investigate in the squares of the Torre neighborhood, in the city of João Pessoa-PB, how the principles discussed by Berthoz (1997) are worked on in the design of each square.

KEYWORDS: landscape experience; landscape design; well-being; neuroscience.

Recebido em: 14/05/2024

Aceito em: 17/04/2025

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo a noção de paisagem é ampliada perpassando outros campos disciplinares e incorpora aspectos sociais, culturais e econômicos à ideia de meio ambiente natural. Partindo da visão de um cenário natural que existe de modo autônomo, o geógrafo e filósofo Berque (1994) compreende a paisagem como uma entidade relacional de sentimento do sujeito para o ambiente e que não é apenas vista, mas sim vivida. É nesse contexto que é possível estudar a paisagem sob diversas óticas, englobando campos disciplinares diferentes. O historiador Jean-Marc Besse descreve cinco problemáticas para compreendê-la como amplitude multidisciplinar, sendo o projeto paisagístico uma delas, principalmente, por entender que a paisagem pode ser considerada um recurso para o urbanismo, com a capacidade de, nas mais diversas escalas, ordenar o espaço (Besse, 2014).

O projeto paisagístico envolve aspectos tangíveis e intangíveis, pois, por se tratar de um meio pelo qual a paisagem pode ser compreendida, comporta o ambiente e a subjetividade de quem o experimenta. Logo, pode-se inquirir em que medida o projeto paisagístico interfere na vida das pessoas, já que a paisagem é vivida e não apenas assistida, conforme Berque (1994). Assim, o papel do paisagista mostra-se indispensável nessa discussão, uma vez que ele é o profissional responsável pela elaboração dos projetos paisagísticos e por facilitar, ou não, a apreciação da paisagem por quem os experimentam.

Reforçando esse papel de produtor de conhecimento do projeto paisagístico, Sá Carneiro (2010) afirma que o projeto deve considerar os anseios sociais, além de outros aspectos culturais na relação com a paisagem e que é a apropriação que pode elucidar a pertinência daquelas condições ambientais que foram objeto do projeto. A vivência é um estado muito particular do ser humano. De um ponto de vista físico, mas também subjetivo, a neurociência mostra como o cérebro humano busca no ambiente os estímulos que garantam o bem-estar. De acordo com Berthoz (1997), isso ocorre por meio da percepção de três necessidades cerebrais humanas e destaca que essas necessidades podem interferir no trabalho do arquiteto, como aquele profissional que projeta os espaços para as pessoas usufruírem. Essas necessidades podem, inclusive, ser transformadas em intenções projetuais que tenham o bem-estar como preocupação principal.

Este artigo é baseado em uma dissertação¹ que investigou de que modo o bem-estar pode ser almejado em projetos paisagísticos. Aqui, busca-se apresentar as discussões teóricas que embasaram o desenvolvimento da pesquisa, de modo a evidenciar aqueles elementos que o projeto paisagístico deve considerar para oferecer uma base de sustentação para a manifestação do sentimento de bem-estar nas pessoas. Os temas discutidos são experiência de paisagem, projeto paisagístico e bem-estar. Para aclarar a compreensão das subjetividades intrínsecas ao bem-estar, além dos pensadores da paisagem, apoia-se na neurociência e, metodologicamente, toma como referências os projetos do Central Park de Frederick Law Olmsted e da Praça Euclides da Cunha de Roberto Burle Marx, por eles terem desenvolvido princípios projetuais nos quais a compreensão de paisagem e a apropriação são intenções principais. Sentimento de paisagem e projeto de paisagem aparecem interligados nessas reflexões. Por fim, é feita uma análise dos projetos das quatro praças do bairro da Torre, em João Pessoa-PB, com o intuito de evidenciar a presença, ou ausência, dos princípios projetuais para o bem-estar e como isso interfere em suas apropriações, tomando como base a teoria apresentada.

2 PROJETO PAISAGÍSTICO: EXPERIÊNCIA DE PAISAGEM

Em suas experiências com culturas orientais, Berque (1994) se debruça a estudar como o sentimento de paisagem reflete a cultura, como esse sentimento se expressa na fala, na pintura e no cultivo. Essa percepção o encaminhou à elaboração de quatro critérios para reconhecer aquelas culturas que seriam mais paisagísticas: **1.** Pelo uso de uma ou mais palavras para designar “paisagem”; **2.** Pela existência de uma literatura (oral ou escrita) descrevendo paisagens ou cantando sua beleza; **3.** Por possuir representações pictóricas de paisagens; **4.** Pela presença de jardins para deleitar-se. Ele analisou algumas culturas com esses quatro critérios, chegando à conclusão de que apenas duas civilizações poderiam ser reconhecidas como paisagísticas: a Chinesa, a partir do século IV, e a Europeia, a partir do século XVI.

Mas, segundo Berque (1994), não se trata de uma incapacidade em perceber a paisagem, já que a sensibilidade é uma condição de todos os seres humanos. O problema residiria “[...] no nível da interpretação que as diversas culturas fazem de seus ambientes” (Berque, 1994, p. 34). Aquelas reflexões levam a entender que cada sociedade possui uma maneira peculiar de interpretar seu ambiente, decorrente da forma como ela o organiza. E o inverso também é possível: para os japoneses é necessário ter arrozais para que eles apreciem o ambiente; para os europeus, a visão de um bosque lhes provoca sensação de amenidade.

Os estudos de Berque (1994) levam a inquirir se existe em alguns indivíduos uma sensibilidade intrínseca que seja essencial ao estado de bem-estar, quando em um ambiente apropriado, considerando variações nos modos de apreciação e de satisfação, pautados na cultura, mas também na intencionalidade pessoal. Alguns pensadores da paisagem dialogam com essa questão. Sonia Berjman enfatiza que a palavra paisagem tem muitos significados, podendo se apresentar como um entorno físico ou um sentimento. Desde o seu surgimento na China no século IV, as interpretações sobre o que a paisagem pode significar se expandiram, resultando em uma vasta bibliografia (Berjman, 2008).

Serrão (2013) complementa essa reflexão quando afirma que a separação entre ciências da natureza e ciências do espírito também está presente no estudo das paisagens, apresentando um lado objetivo e material, sem envolver os sentimentos humanos, quando analisada sob uma ótica externa; e, de um ponto de vista subjetivo e espiritual, quando construído a partir da interpretação individual do ser humano. A filósofa portuguesa esclarece que a paisagem é percebida por cada indivíduo de forma singular à medida que se desenvolve a sensibilidade e a afetividade com o meio físico. A paisagem sai do campo do objeto indiscutível para apresentar-se como “[...] um problema que deve ser esclarecido enquanto formação anímica e compreendido nas principais configurações em que histórica e culturalmente se incarnou.” (Serrão, 2013, p. 17).

Berque (1994) e Serrão (2013) mostram que o estudo da paisagem não fica restrito a uma única abordagem. O objeto de estudo é o mesmo, no entanto os enfoques podem ser múltiplos, resultando em “[...] objetos teóricos especializados segundo os métodos de cada ramo do saber” (Serrão, 2013, p.15). Então, a paisagem é uma entidade relacional entre a sensibilidade do sujeito e os estímulos do ambiente, é uma experiência. A paisagem não existe independente do sujeito, pois falar de paisagem trata-se de uma autorreferência (Berque, 1994).

Entende-se que há diversas maneiras de experiência de paisagem, e, nesse sentido, outros pensadores também investigam conceitos que se inter cruzam com a paisagem, em busca de compreendê-la. Jean-Marc Besse, é um desses pensadores. Ele procurou evidenciar modos em que a paisagem se expressa, buscando neles caminhos para a compreensão das relações entre a paisagem e o sujeito, reforçando o seu caráter multidisciplinar, englobando “[...] novas formas de experiência do espaço, da sociedade e da natureza e, no mínimo, novas aspirações coletivas relativas ao meio ambiente” (Besse, 2014, p.8). Os estudos de Besse são um avanço no modo de pensar a paisagem, ao propor a insuficiência de um cenário natural uma vez que está desvinculado do sujeito. É a partir desse entendimento que Besse propõe cinco modos de compreender a paisagem com base nas problemáticas paisagísticas contemporâneas, possíveis entradas ou portas da paisagem tratadas no seu livro “O gosto do mundo. Exercícios de paisagem”: **(1) como uma representação cultural;** **(2) como um território formado pelas sociedades na história;** **(3) como um sistema que envolve natureza e cultura numa totalidade objetiva;** **(4) como experiências sensitivas e,** **(5) como um projeto.** Neste livro, cada modo de tratar a paisagem está voltado para um conhecimento, uma disciplina, de acordo com as aproximações de cada área de estudo. A cultura paisagística contemporânea é formada por essas visões que demandam investigações complexas, como observado a seguir. (Figura 1)

Figura 1: Síntese das cinco problemáticas paisagísticas de Besse (2014).

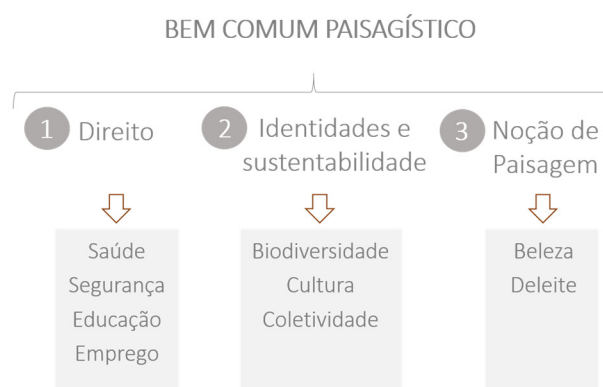


Fonte: Elaboração própria (2019).

Com foco na última porta – **A paisagem como projeto** – que está atrelada às responsabilidades do paisagista, Besse elabora uma estrutura metodológica que descreve a caminhada como um modo de experimentar o mundo e seus valores, onde o ser humano agrega novas qualidades e intensidades a um determinado lugar na medida que ele é usufruído. É nesse contexto que ele elabora a hipótese de que a noção de projeto constitui uma “[...] abordagem experimental da realidade paisagística” (Besse, 2014, p. 56). Nessa proposição, o paisagista é o profissional responsável por perceber o local e suas potencialidades, salientando que suas intervenções devem estar orientadas segundo três fatores interligados: o solo, o território e o meio ambiente natural, que compõem o campo experiencial do ser humano. Projetar a paisagem, com Besse (2014), é pensar soluções que viabilizem o encontro entre a cidade e a natureza. “Em outros termos, a problemática paisagística consiste em pensar a cidade a partir das suas relações e na sua integração com o solo, o território, o meio vivo” (Besse, 2014, p.59), e por isso, o paisagista precisa levar em consideração essas três instâncias da paisagem, “costurando-as”, para elaboração de uma proposta coerente com a realidade, revelando algo que já existe e que precisa ser evidenciado para se tornar visível, ou seja, a materialização das tendências invisíveis do lugar.

Donadieu² (2013) confirma as proposições de Besse, acrescentando a dimensão do bem comum ao pensamento de paisagem. Afirma que a produção de bens comuns paisagísticos é a principal atribuição dos arquitetos paisagistas, e que a paisagem: “[...] é uma relação perceptiva com o espaço e a natureza, que assume valores variáveis com os olhares e julgamentos – olhares formados pela arte, informados pelas ciências e iniciados pelos saberes locais” (Donadieu, 2013, p.58). Para esse pensador da paisagem, o bem-comum é “[...] a comunidade de bens materiais e imateriais que é criada pela troca entre “membros de um colectivo. [...]” (Donadieu, 2013, p. 57). Assim, a saúde é o bem comum entre o médico e o paciente, a educação entre o professor e o estudante, ou a justiça entre o juiz e o julgado. Com esse entendimento, o autor levanta a hipótese de que o bem-estar é o bem comum entre o paisagista e as pessoas e aponta três condições nas quais o bem comum paisagístico pode ser obtido (Figura 2).

Figura 2: Síntese do bem comum paisagístico segundo Donadieu (2013).



Fonte: Elaboração própria (2019).

A Carta Brasileira da Paisagem (2010) confere ao paisagismo contemporâneo a responsabilidade de promover a sintonia entre as condições sociais e ambientais, como um modo de proporcionar bem-estar ao indivíduo, assim como, a preservação da paisagem. Mais recente, a Carta da Paisagem das Américas (2018) reconhece a necessidade de garantir o direito à felicidade, como um bem de todos, por meio de instrumentos de planejamento da paisagem. Reforça o caráter social, cultural e ambiental que a paisagem detém e a consciência de que ela é um patrimônio de todos, construída coletivamente. Com isso, amplia o quão subjetiva e rica de valores é a paisagem e o quanto a subjetividade e a intersubjetividade devem ser consideradas nos projetos paisagísticos.

Percebe-se como a subjetividade se torna fundamental ao pensamento de paisagem, desde a abordagem do bem-estar ao projeto paisagístico. Besse (2014, p. 24) reforça que “[...] os valores e as normas paisagísticas são estéticos, sim, mas não unicamente. Têm também uma dimensão material e técnica. [...]”, assumindo que a paisagem é composta de aspectos materiais e imateriais. O autor destaca que o jardim, enquanto resultado de um projeto paisagístico, é um espaço planejado e cuidado, mas também compreende afetos e desejos, sendo considerado “[...] um veículo do imaginário [...]” (Besse, 2014, p. 27); e que, ao projetar, o paisagista se depara com uma realidade existente, formada por aspectos culturais, um lugar composto por hábitos.

Nesse contexto, em que as ocupações humanas se dão de acordo com as características do lugar, Norberg-Schulz (1979) propõe que os significados do lugar são resultantes dos fenômenos naturais, humanos e espirituais; que cada lugar apresenta especificidades que se manifestam em todos os setores da sociedade, desde a arquitetura até as esferas políticas e administrativas. Logo, envolve o meio físico e a subjetividade da cultura. Assim como o lugar, a paisagem congrega “[...] a combinação do ambiente abiótico, biótico e sócio-cultural como componente material que está atrelado ao componente imaterial expresso pela capacidade da percepção humana que dá significado e sentido estético.” (Carta Brasileira da Paisagem, 2010, p. 02)

A partir das proposições aqui referidas é possível afirmar que projetar a paisagem consiste em fazer uma conexão entre a materialidade e a subjetividade existentes no lugar. Pode-se dizer que considerar a paisagem implica em considerar o lugar, e que essas propriedades aqui descritas devem ser incluídas no projeto paisagístico, tendo em vista que:

[...] Qualquer que seja o projeto que veicula, a paisagem é a expressão de uma indagação a respeito do bem-estar ou da “boa convivência” das comunidades humanas, encarna uma indagação sobre os valores que podem fundamentar essa “boa convivência”, bem como sobre o quadro espacial e material real dentro do qual essa “boa convivência” pode ser realizada (Besse, 2014, p. 35).

Portanto, sendo o projeto um dos modos de percepção de paisagem, chega-se ao pensamento de que o **projeto paisagístico**, ao considerar a paisagem existente, também o faz com o **lugar**, com seus aspectos **materiais e imateriais**.

3 PROJETO PAISAGÍSTICO PARA O BEM-ESTAR

Para compreender melhor a problemática do bem-estar no projeto paisagístico, toma-se como base os trabalhos de dois paisagistas que contribuíram significativamente para a história do paisagismo no mundo, Frederick Law Olmsted e Roberto Burle Marx. Olmsted foi um paisagista que trabalhou em prol da valorização dos parques públicos, com projetos nos Estados Unidos entre os anos de 1851 a 1895. Ao longo de sua trajetória, propôs parques dentro da malha urbana evidenciando o potencial paisagístico, e influenciando os demais paisagistas que viriam posteriormente (Andrade, 2010).

Segundo Eisenman (2013), Olmsted desenvolveu trabalhos paisagísticos que apresentaram uma preocupação com os serviços ecossistêmicos e o bem-estar humano, características originadas dos esforços investidos na ideologia do parque como espaço verde público para a saúde e vitalidade das pessoas residentes em áreas urbanas. O projeto mais conhecido de Olmsted é o Central Park na cidade de Nova Iorque, que foi concebido com seu sócio, Calvert Vaux. A proposta apresentada por eles se destacou principalmente por dispor de uma composição paisagística diferente do que era produzido até então, por considerar o social e por trabalhar a natureza em prol da mente humana. (Figura 3)

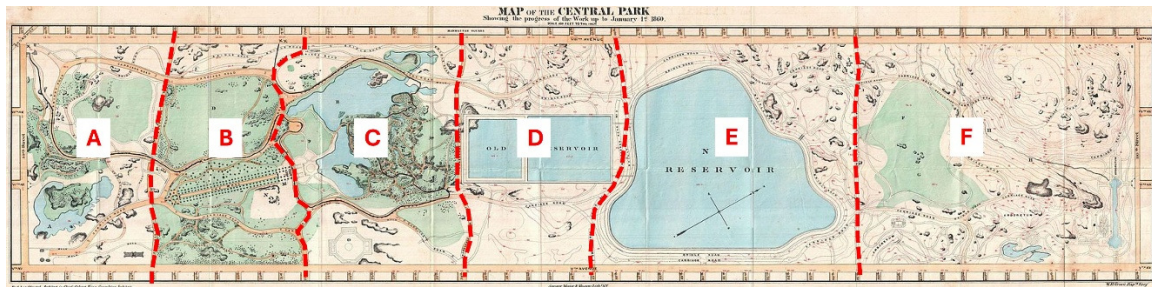
Figura 3: Vista do Bethesda Terrace no Central Park.



Fonte: Central Park Conservancy.³

O projeto do Central Park data de 1857 e foi fruto de um concurso para a cidade de Nova Iorque, cuja sociedade desejava um grande parque urbano. O site oficial do Parque relata que o terreno, onde foi instalado, era irregular com pântanos e ribanceiras e apresentava áreas rochosas, o que deixava o solo infértil. Sua construção demandou grandes investimentos para reformulação da topografia local e criação de uma paisagem com elementos da natureza. Foi necessário explodir cumes rochosos e movimentar o solo para que mais de 270.000 árvores e arbustos fossem plantados e lagos pudessem ser criados. A proposta paisagística idealizou um espaço recreativo com forte presença da natureza, apesar do terreno infértil e não favorável à criação de paisagens naturais. Para facilitar o planejamento, o parque foi dividido em seis áreas menores. Além disso, as ruas transversais propostas, para demarcar as fronteiras entre as áreas, também servem para manter a conexão entre as ruas do entorno. O parque tem como fronteiras permanentes a Oitava Avenida a Oeste e a Quinta Avenida a Leste. (Figura 4)

Figura 4: Mapa geral do Central Park (1860) com as divisões por áreas.



Fonte: Wikimedia Commons (fornecido por Geographicus Rare Antique Maps).⁴ Adaptado pela autora.

De acordo com Andrade (2010), Olmsted sofreu influência dos parques ingleses, mas desenvolveu o pensamento particular de que o parque exerce, no planejamento urbano, uma função social, podendo ser utilizado como um meio de reforma social. A funcionalidade era um dos objetivos no projeto para o Central Park, além da preocupação ambiental evidente, por meio da inserção de espécies nativas. Beveridge (2000) reforça que a influência dos parques ingleses em Olmsted, o fez procurar as qualidades da natureza, de modo a atingir o psicológico dos indivíduos, indo além da apreciação da beleza superficial de uma cena. Destaca, ainda, que Olmsted acreditava que sua arte paisagística tinha como objetivo afetar as emoções, fato evidenciado pela criação de percursos que fazem com que o visitante fique imerso no ambiente, experienciando a ação restauradora advinda da paisagem (Figura 5). Esse processo é descrito por ele como um fenômeno inconsciente, onde os elementos dispostos no espaço têm o único propósito de tornar a experiência de paisagem mais profunda. Isso permite argumentar que preexiste uma harmonia entre os componentes naturais, o coração e a mente humanos, onde o bem-estar individual e coletivo pode ser uma resultante dessa troca.

Figura 5: A relação com os elementos naturais trabalhada no Central Park.

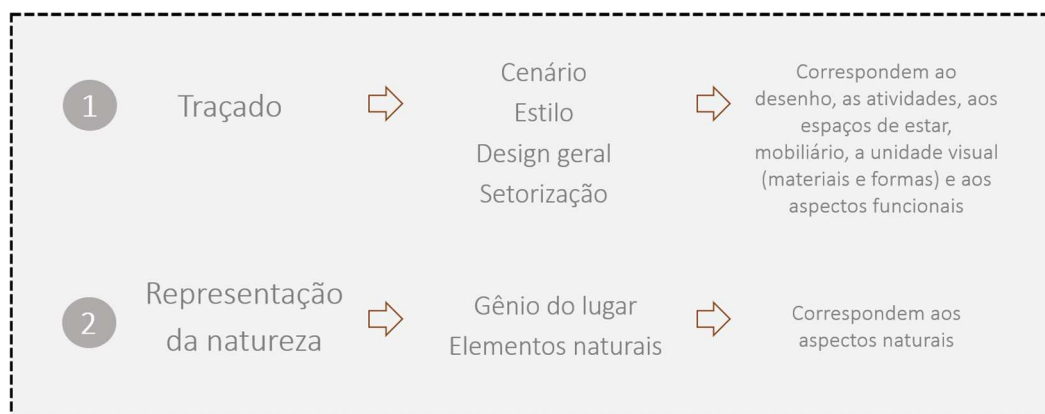


Fonte: Central Park Conservancy.⁵

Beveridge (1986) elenca algumas características importantes nos projetos paisagísticos de Olmsted. A primeira é o **cenário**, que é o trabalho de criação dos espaços onde o uso ativo possa acontecer, ou seja, até mesmo as pequenas áreas são planejadas de modo a propor espaços de permanência às pessoas. A segunda é a preocupação com o “**gênio do lugar**”, uma vez que o projeto é em consonância com os aspectos naturais e topográficos do sítio. A terceira é o **estilo**, que também se associa com o lugar, de acordo com a finalidade de cada projeto. A quarta é a subordinação de todos os elementos a um **design geral**, visando a unidade que se pretende alcançar com o projeto. A quinta característica trata da separação de usos, uma **setorização**, a fim de que uma área não interfira na apropriação da outra e que todas juntas componham um conjunto harmonizado e social. Na sexta característica se tem a noção de que por meio do projeto paisagístico pode-se promover a **saúde mental** dos usuários, proporcionando **espaços saneados** e com a presença de **elementos naturais**. Por último, há a preocupação não só com os elementos ornamentais paisagísticos, mas com elementos que supram uma **necessidade social e psicológica da população**.

Essas características relatadas demonstram a preocupação de Olmsted em proporcionar espaços atrativos às pessoas. Cada ação projetual descrita compreende elementos que juntos tornam a experiência de paisagem prazerosa. Observa-se, portanto, que esses princípios podem ser divididos em dois grupos, o primeiro é o **traçado** que abrange o desenho do parque, mobiliário, atividades, materiais, função e espaços de estar. O segundo é a **representação da natureza**, materializada pela presença de elementos naturais, que, como visto, são extremamente importantes ao bem-estar. (Figura 6)

Figura 6: Princípios do projeto paisagístico.



Fonte: Elaboração própria (2019)

O Central Park, o projeto mais conhecido de Olmsted, apresenta essas características e serviu de inspiração para outros paisagistas da época e para os que vieram posteriormente. Um deles foi Roberto Burle Marx, paisagista brasileiro, que priorizou a utilização da vegetação nativa nos projetos, proporcionando espaços multifuncionais na cidade.

Burle Marx foi paisagista e artista plástico, criando obras de arte em pintura, tapeçaria, mosaicos, joias, entre outras expressões artísticas (Silva, 2016). Sabe-se da importância dele para o paisagismo no mundo. Como paisagista, atuou projetando e conservando espaços públicos verdes em muitas cidades e chegou à conceituação de que os jardins e parques nas áreas urbanas “[...] são sinônimo de adequação do meio ecológico para atender às exigências naturais da civilização.” (Burle Marx, 1954, apud Tabacow, 2004, p. 23). Suas obras evidenciam a preocupação com a relação entre os seres humanos e o meio natural como fonte de amenização da vida urbana. Para consegui-la, Burle Marx praticou uma interpretação do **espírito do lugar** como pré-requisito para suas composições paisagísticas, considerando as **características físicas locais**, a **arquitetura circundante**, a **tradição local**, as **vivências** e as **funcionalidades do espaço**. Com essas prerrogativas projetuais, seus parques e jardins proporcionam o encontro entre **meio ambiente e cultura** (Ferreira, 2012).

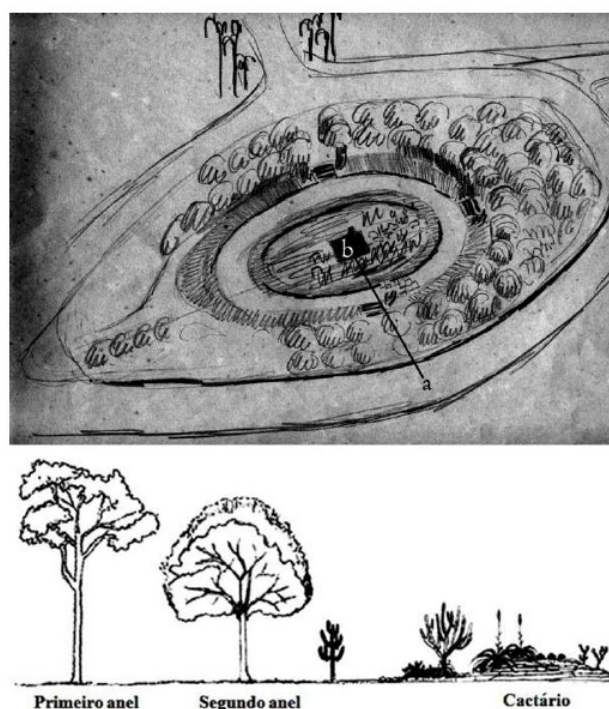
Essa concepção projetual de Burle Marx pode ser percebida em Besse (2014), quando considera que o paisagista é o especialista que “[...] carrega o local e suas potências programáticas” (Besse, 2014, p. 56). Assim, cabe salientar o local não apenas do espaço físico, objeto de intervenção, mas carregado de aspectos geográficos e históricos sobrepostos em camadas, construídas ao longo do tempo, que constituem a matéria do projeto. É por essa mesma linha de pensamento que Diedrich (2013) canaliza suas discussões. Para ela,

é preciso estudar a essência de um lugar, em constante mutação, de maneira holística, aprofundando o conhecimento da estrutura que o compõe.

Essa atenção às características locais refletidas no traçado, pode ser percebida no projeto da Praça Euclides da Cunha, 1935, na cidade do Recife-PE. No projeto, Burle Marx utiliza espécies da caatinga, que de acordo com Silva (2012) é uma vegetação nativa que ao mesmo tempo é exótica, pois, apesar de ser uma formação florestal brasileira que não é encontrada em nenhum outro país, é desconhecida pela sociedade. Na proposta, Burle Marx soube aliar as condições ambientais das espécies às intenções artísticas e culturais do jardim. Além do mais, no projeto utilizou o conhecimento sobre cada planta e seu habitat, fazendo associações para que fosse possível inseri-las em um contexto urbano. Nesse sentido, as espécies foram agrupadas conforme as especificidades de cada uma reproduzindo as condições do habitat primitivo, da fisionomia da caatinga, com os cactos e as bromélias no canteiro central contornado por dois canteiros de grama com árvores também da caatinga que amenizam a apreciação do visitante (Sá Carneiro e Mesquita, 2003). (Figura 7)

Na planta baixa (Figura 7), é nítida a influência do lugar sobre o traçado. O desenho da praça segue as linhas naturais do terreno, criando cenários harmônicos com a vegetação especificada. A vegetação de maior porte, concentra-se no perímetro e de forma gradativa chega-se às cactáceas no interior da praça, presumindo-se a distribuição das subzonas nordestinas: Mata, Agreste e Sertão, respectivamente. Essa ordem parece responder às características físicas do lugar, adequando a relação da forma do sítio às espécies vegetais. Nesse sentido, enfatiza-se que Burle Marx trabalhou o conjunto: traçado e representação da natureza, evidenciando a interdependência dos princípios paisagísticos.

Figura 7: Praça Euclides da Cunha e corte 'ab' mostrando o perfil da vegetação. Adaptação dos desenhos da arquiteta Liana Mesquita para a restauração do jardim em 2003.



Fonte: Silva (2018, p.142).⁶

Sobre a função social e de caráter educativo e científico dos jardins, praças e parques para o equilíbrio do ser humano, Burle Marx enfatiza que:

Com relação aos jardins, é por meio deles que podemos amenizar a nossa vida, tão cheia de altos e baixos, no contexto da civilização industrial. Estou convencido que o jardim comunal, praça ou parque, terá uma importância maior em nossa vida, em busca de um equilíbrio relativo, dentro dessa instabilidade da civilização. Terá caráter social, educativo, científico.

As funções serão determinadas pelas aspirações da época, ligando-se à conduta, tanto ética quanto estética, do homem. (Burle Marx apud Tabacow, 2004, p. 207)

Burle Marx conceitua o jardim como o resultado da adequação ao meio ecológico, de modo a ressaltar a representação da natureza para a sociedade urbana. Em toda sua obra, além de atender às razões sociais e históricas, preza pela adaptação ao meio natural. Além disso, por ser artista plástico, ele maneja os elementos naturais por meio de fundamentos da composição plástica, fazendo emergir uma nova experiência (Tabacow, 2004). Como cita:

Decidi-me a usar a topografia natural como uma superfície para a composição e os elementos da natureza encontrada – minerais, vegetais – como materiais de organização plástica, tanto quanto qualquer outro artista procura fazer sua composição com tela, tintas e pincéis (Burle Marx, 1954, apud Tabacow, 2004, p. 23).

Entende-se que essa experiência descrita por Burle Marx, oriunda do contato com o meio natural, almeja o bem-estar no projeto paisagístico, o que motiva este artigo. Burle Marx, assim como Olmsted, trabalha em seus projetos as funções terapêuticas que a natureza proporciona às pessoas, por meio dos elementos naturais. Com esses dois paisagistas é possível afirmar que os elementos naturais presentes nos projetos paisagísticos têm relação direta com a elevação da sensação de bem-estar nas pessoas: em Olmsted, a natureza tem propriedades capazes de alcançar a mente humana e amenizar o estresse oriundo do cotidiano; em Burle Marx, a natureza também pode se tornar uma manifestação artística e cultural, reforçando a **representação da natureza** como um princípio de projeto. (Tabacow, 2004)

Cabe notar que os projetos de Burle Marx visam a experiência estética, e, como tal, provocam estímulos à mente e ao corpo humano, com o intuito de enriquecer a experiência das pessoas com a paisagem, coincidindo com as preocupações teóricas de Donadieu (2012) quando salienta que o interesse na participação dos sujeitos não se limita a lidar com os aspectos decorativos, mas “[...] em imaginar as alternativas de meio de vida e criar as condições de emergência de uma demanda coletiva de paisagem, que o paisagista, com outros, saberá transformar em projetos concretizáveis” (Donadieu, 2012, p. 71). Essas questões fazem da proposta projetual um veículo para que as pessoas se identifiquem com o meio, podendo apropriá-lo, sorvê-lo, sentir-se identificadas com o lugar. A **apropriação** acontece quando se atende aos anseios sociais por meio do estímulo à vivência individual e coletiva. O projeto paisagístico, para refletir o espírito do lugar e estimular a vivência das pessoas, precisa que seus aspectos materiais e imateriais – onde o **imaterial (a apropriação)** confere sentido aos **materiais (o traçado e a representação da natureza)** – sejam convergentes.

4 INTENCOES PROJETUAIS PARA O BEM-ESTAR

Para conceituar o bem-estar paisagístico é preciso explorar o bem-estar subjetivo, que é investigado pela psicologia, pela filosofia e pela neurociência de maneira abrangente, podendo apresentar outras denominações, como felicidade, satisfação, estado de espírito e afeto positivo, por exemplo (Giacomoni, 2004). Para Donadieu (2013), o bem-estar humano é um sentimento que tem como base as variáveis aqui discutidas, e trata-se de: “[...] um estado psicológico individual decorrente de uma sensação agradável de necessidades e desejos satisfeitos. [...]”. (Donadieu, 2013, p.61)

De acordo com Giacomoni (2004), trata-se de como as pessoas aferem suas vidas, considerando o que as levam a julgar como positivas, suas experiências. Dentre vários aspectos, o lazer mostra-se como um dos que corroboram para a formação desse sentimento. A psicóloga afirma que há dois modos de abordagem para entender o bem-estar: a *bottom-up* que parte da noção de que a satisfação das necessidades universais e básicas dos indivíduos provoca a felicidade; e a *top-down*, onde defende que as pessoas estão predispostas a interpretar acontecimentos cotidianos, tanto positivamente quanto negativamente, fato que influencia na avaliação da vida. Em linhas gerais, nessa abordagem, o bem-estar é resultante da afetividade que acontece em algumas situações, ao contrário do que prega a *bottom-up*, onde é a objetividade das circunstâncias que contribui, ou não, para sua formação.

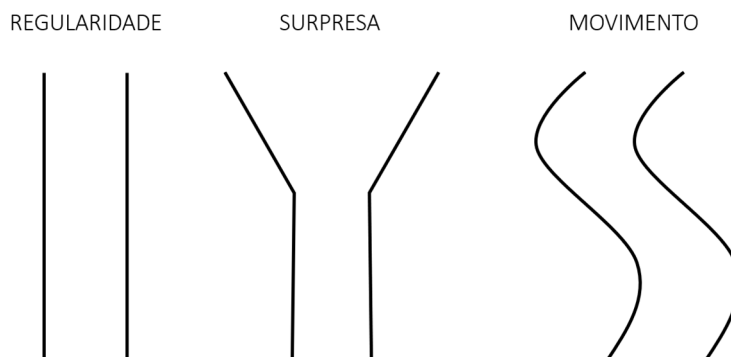
Alain Berthoz em seu livro, *Les sens du Mouvement* (1997), faz uma reflexão sobre o papel do arquiteto enquanto sujeito que elabora ambientes em diversas escalas e propõe que as necessidades cerebrais podem ser adotadas como referências projetuais, dizendo que, do ponto de vista neurofisiológico, o ambiente deve responder às necessidades do cérebro humano, que a percepção “[...] foi sendo organizada, no curso da

Evolução, em função das propriedades naturais do mundo físico e dos mecanismos biológicos” (Berthoz, 1997, p. 277), deixando o cérebro particularmente sensível aos elementos que compõem o meio ambiente. O neurocientista considera que pelo menos três condições perceptivas são fundamentais, que ele denomina de “elementos fundamentais do ambiente”, para que o ser humano se reconheça fazendo parte de um determinado lugar: regularidade, surpresa e movimento. Berthoz se refere ao conceito de *Umwelt*, do biólogo Jacob von Uexküll, que estudou a relação íntima entre cada animal e seu ambiente. O termo significa “o mundo de cada um”, simplificada, e pode contribuir para o entendimento de bem-estar que é abordado aqui, porque propõe um compromisso de identidade entre o animal e seu habitat. Os tais elementos apresentados por Berthoz comporiam o universo de identidade com o lugar. Então, para que o cérebro seja bem estimulado em um determinado lugar, o ambiente humano precisa ser rico em regularidade, surpresa e movimento, de modo entrelaçado. O elemento regularidade, que acalma, sedimenta; o elemento surpresa que causa interrogação e curiosidade; o elemento movimento que captura os mais variados ângulos de percepção.

Transpondo esse pensamento para a concepção do projeto paisagístico e fazendo um esforço de síntese também sobre formas que possam expressar esses três elementos de Berthoz (ver Figura 8), pode-se dizer que:

- A **regularidade** pode ser lida como uma repetição ritmada que agrada aos olhos; pode ser encontrada como uma intenção no projeto, como na paginação de pisos, na disposição do mobiliário, em elementos vegetais semelhantes, como folhas, caules e galhos, ou até mesmo no próprio desenho do jardim, praça ou parque. Pode-se ainda relacionar a regularidade com a definição de legibilidade de Lynch (1918), que se refere à facilidade de organizar e identificar as partes dentro de um padrão lógico, e proporciona um sentimento de segurança emocional ao indivíduo. Nesse sentido, é possível dizer que a regularidade deixa o ser humano confortável no ambiente, uma vez que ele compreende o que o cerca;
- A **surpresa**, por sua vez, representa uma quebra de regularidade, quando, repentinamente, o humano se depara com algo que desfaz a continuidade do percebido. No entanto, apesar de aparentemente tender a desorganizar aquilo que é regular, a surpresa não necessariamente torna desagradável o ambiente, pelo contrário. Do ponto de vista do funcionamento neurocientífico, a surpresa incita o cérebro a conceber novos modos de ver e de sentir. No projeto paisagístico, ele deve responder à necessidade humana de vivenciar uma paisagem surpreendente. Isso pode acontecer com a criação de espaços de surpresa dispostos em pontos estratégicos, de modo a permitir que quem o vivencie se depare com o inesperado que produz algum encantamento;
- O **movimento**, próprio dos humanos, desfaz o aspecto estático que muitas vezes a regularidade provoca ao ambiente, e que, afinal, não é percebido de um único ponto de vista. No projeto, ele pode se manifestar por meio do vento que movimenta a vegetação, na forma do mobiliário, nos gestos das pessoas que caminham, correm, conversam, no traçado dos percursos propostos no projeto. É preciso lembrar que é no deslocar-se que os seres humanos são surpreendidos e se emocionam. Esta intenção no projeto evita “[...] o desespero de voltar todos os dias a face para o mesmo lugar. [...]” (Berthoz, 1997, p.283), uma vez que cada movimento praticado não se repete na íntegra, seja ele resultado da natureza, ou da ação humana. Sendo assim, o movimento presente nos jardins, praças e parques estão intimamente atrelados à apropriação.

Figura 8: Ilustração de formas que provocam o bem-estar, de acordo com Berthoz (1997).



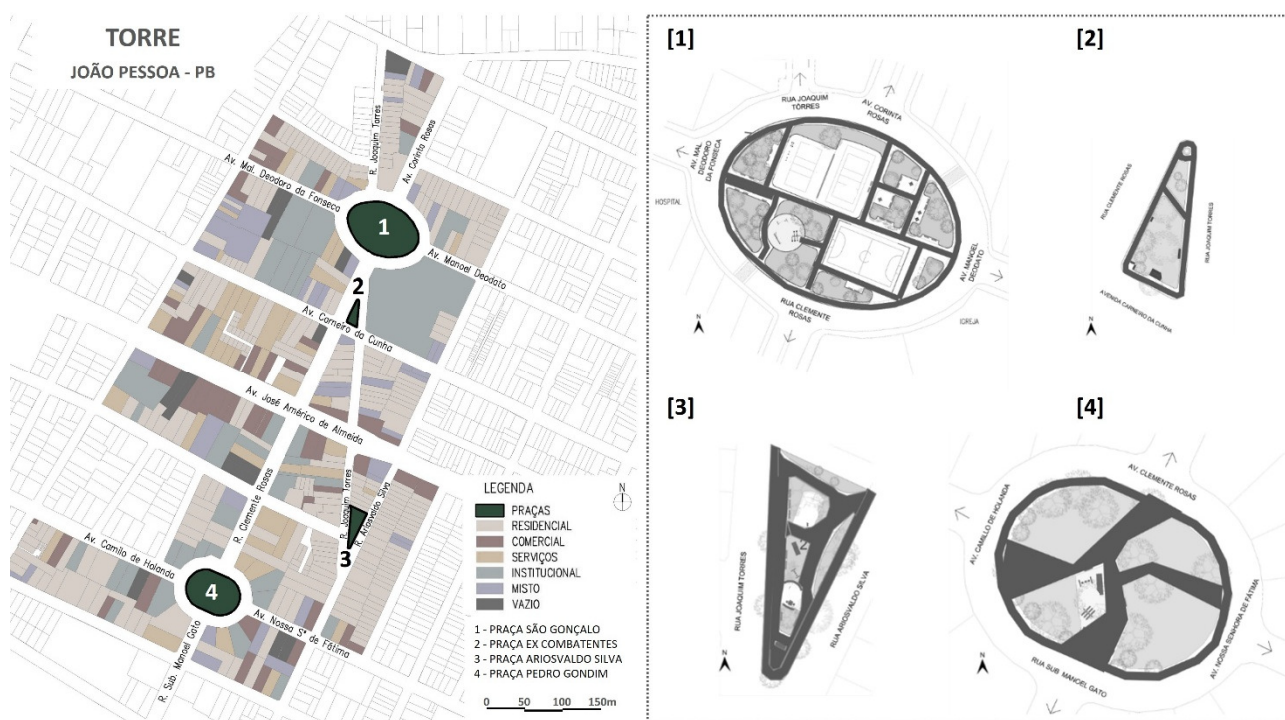
Fonte: Elaboração própria (2019)

Essas reflexões, unidas às características projetuais de Olmsted e Burle Marx, como discutidas anteriormente, levam à ideia de que os princípios projetuais para o bem-estar utilizam-se da essência de cada ambiente e que os elementos definidos por Berthoz (1997), entendidos na geometria dos espaços e nas capacidades perceptivas do ser humano se tornam importantes para o processo do projeto paisagístico.

No caso do Central Park, de Olmsted, destaca-se a surpresa causada pelos seis setores diferentes, mas interligados, e sua correspondência com o sistema viário do entorno; os espaços surpreendentes de encontro e de riqueza visual, com a vegetação e os lagos criados. No caso da Praça Euclides da Cunha, de Burle Marx, para além do traçado definidor de lugares, a presença da vegetação do sertão pernambucano, representa uma demonstração artística da importância cultural da identificação com o lugar. As duas paisagens ainda têm em comum a garantia de um sentimento de se estar em outro lugar, que não aquele cotidiano agitado das duas cidades. Representam respostas aos anseios humanos enquanto satisfazem necessidades cerebrais e mentais humanas. (Berthoz, 1997)

Na dissertação que motivou o desenvolvimento deste artigo, paralelamente à teoria aqui exposta, foi realizada uma pesquisa de campo em quatro praças do bairro da Torre, na cidade de João Pessoa - PB, onde buscou-se identificar em seus projetos as presenças da regularidade, surpresa e movimento (Figura 9). Somado a isso, a apropriação foi investigada, por meio de observações e pesquisa pública de opinião com os usuários das praças, com a finalidade de verificar a relação entre os aspectos materiais (meio físico) e os imateriais (bem-estar), conforme o aporte teórico apresentado.

Figura 9 – Localização e plantas esquemáticas com destaque para os passeios, evidenciando os desenhos, da Praça São Gonçalo [1], Praça Ex-combatentes [2], Praça Ariosvaldo Silva [3] e Praça Pedro Gondim [4].



Fonte: Elaborado pela autora com base em arquivos disponibilizados pela Prefeitura Municipal de João Pessoa (2019).

Como resultado, com ênfase na apropriação, destaca-se que dentre os aspectos mencionados como mais agradáveis pelas pessoas, a vegetação aparece de forma recorrente. Sendo considerada fundamental para que as praças sejam utilizadas. A partir da vegetação, as demais atividades oferecidas pelas praças são viabilizadas. A possibilidade de realizar exercícios aeróbicos e o contato social também foram citados como agradáveis. Com isso, evidencia-se o princípio projetual de Olmsted e Burle Marx referente à representação da natureza, onde se destaca a necessidade de elementos naturais para o bem-estar humano.

A pesquisa de campo pôde atestar que, embora a vegetação apareça de forma mais nítida, a experiência positiva com a paisagem é viabilizada pelo conjunto de elementos presentes nas praças. Sendo assim, se diz que a vegetação é determinante para a manifestação dessa sensação em todos os casos, mas, na maioria,

não é apenas ela. Por meio dela é possível tornar a permanência mais agradável, seja por proporcionar uma temperatura mais amena, pelos odores das plantas, pelos sons produzidos, entre outras características que contribuem para que atividades, além da contemplação, sejam desenvolvidas de forma mais prazerosa. Isso foi percebido, já que se constatou pessoas praticando outras atividades, que não a contemplação, e quando perguntado o que elas mais gostavam se referiram à vegetação.

As respostas evidenciam que, mesmo com pontos a serem melhorados no espaço físico, as pessoas se sentem bem nas praças, seja pela vegetação, na possibilidade de exercerem atividades físicas e de lazer ou por elas propiciarem lugares que se tornam pontos de encontros sociais. Assim, levando em consideração as proposições de Berthoz da necessidade de os espaços serem dotados de regularidade, surpresa e movimento, juntos, o que podem viabilizar mais o bem-estar, de todo o modo, mesmo não conjuntamente, foi possível observá-las nas praças estudadas.

Entende-se que apesar das pessoas identificarem como positivas as experiências com as praças, existem fragilidades em seus projetos paisagísticos. Ainda que reconheçam as carências e não utilizem todas as áreas das praças, as pessoas julgam como positiva a relação que têm com elas. A vegetação, o vento, uma certa amenidade no clima, somados aos espaços destinados a atividades variadas, de algum modo atendem às necessidades cerebrais humanas. Portanto, embora apresentem projetos paisagísticos simples, as praças estudadas puderam ser consideradas espaços de bem-estar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os autores mencionados ao longo deste artigo, percebe-se o quão subjetivo é o bem-estar paisagístico, assim como o sentimento de paisagem, e que, o mesmo, tem como fonte várias condicionantes que precisam fazer parte da ação do paisagista, para traduzir o subjetivo/abstrato em concreto. Pode-se dizer que tanto Olmsted, quanto Burle Marx, apresentaram percursos metodológicos para elaboração dos seus projetos que conseguem fazer essa tradução. São percursos que evidenciam o desenho como representação e a exaltação dos elementos naturais na concepção da paisagem e que corroboram na apropriação social e afetiva que os jardins, com suas espacialidades, propiciam. São jardins, praças e parques que, antes de tudo, são lugares que possibilitam a experiência de bem-estar individual e coletiva.

Berque (1994), Besse (2014), Serrão (2013), Donadieu (2013), entre tantos, são uníssonos em afirmar a condição subjetiva da paisagem natural e da paisagem concebida, projetada, se forem asseguradas as relações culturais com o meio, junto com o conhecimento dos elementos naturais e das condições cognitivas do ser humano.

Por tudo que foi exposto, pode-se concluir que existe uma relação direta entre os parques, praças e jardins, e o bem-estar humano, podendo ser positiva ou negativa, a depender da qualidade do projeto, mas essa relação é complexa, justamente por envolver a dimensão subjetiva que não é mensurável tal como o tamanho de um lugar. Assim, comprová-la é um desafio que extrapola os conhecimentos exatos e se assenta no campo fenomenológico da experiência do lugar. Assim mesmo, sustenta-se, com base nos pensadores aqui discutidos, que o projeto paisagístico pode sim contribuir para o sentimento de bem-estar paisagístico das pessoas; para que isso seja possível, a concepção paisagística deve apresentar algumas características advindas de elementos que considerem, ao mesmo tempo, os potenciais materiais e imateriais do ambiente a ser trabalhado e, sobretudo, as possibilidades de apropriação desses lugares quando puderem ser vivenciados, uma vez que o bem-estar paisagístico, de fato, só poderá ser manifestado na medida que os indivíduos participem da experiência paisagística. O bem-estar paisagístico depende disso.

Neste artigo, considerou-se ainda que a tradução do subjetivo em concreto também pode ser alcançada pela adoção das três necessidades cerebrais humanas – regularidade, surpresa e movimento – definidas por Berthoz (1997), se transformadas em intenções projetuais nos projetos paisagísticos. Elas podem tornar palpável o que é subjetivo: o sentimento de bem-estar. O diálogo entre ciências e humanidades é sempre difícil, mas os estudos de Berthoz (1997), que explicitam que o cérebro humano se apraz com a ação estimulada pelo meio externo, ação esta que corresponde ao viver humano, facilita a comunicação entre disciplinas, mesmo que não abrace todo o universo subjetivo do ser humano.

Em cada indivíduo reside a necessidade de estar em um ambiente que apresente estímulos às suas ações, e, pode-se concluir teoricamente também, pela existência de prazer na experiência entre sujeito e meio físico. Experiencialmente, o ser humano sabe disso, mas sem objetivar esse saber, torna-se difícil levá-lo como conhecimento para alimentar o campo projetual. Como visto, a regularidade traz familiaridade e segurança; a

surpresa mostra como a paisagem pode ser emocionante; e o movimento proporciona fluidez, dinâmica e ampliação da perspectiva do ambiente.

Assim, o bem-estar, mesmo estando no universo das subjetividades humanas, pode ser revelado nas características físicas do ambiente. Apesar dos estudos neurocientíficos de Berthoz (1997) não serem direcionadas ao projeto paisagístico, eles se referem à atividade do arquiteto⁷ ao questionar os espaços e volumes construídos desprovidos do prazer do movimento, facilitando a aplicação das necessidades cerebrais humanas como diretrizes projetuais.

Finalmente, pôde-se identificar que as necessidades humanas da regularidade, da surpresa e do movimento podem ser reconhecidas nos princípios projetuais praticados por Olmsted e por Burle Marx, sintetizados em seus traçados e nos modos de compor e representar natureza e construído. Também pôde-se confirmar que a apropriação pode acontecer em consequência de um projeto pertinente, que a apropriação é o objetivo do projeto paisagístico. Também por isso, a apropriação se torna indissociável do bem-estar, confirmando a importância do paisagista e do projeto paisagístico na teoria da paisagem.

4 REFERÊNCIAS

- ABAP (Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas). **Carta Brasileira da Paisagem**. 2010.
- ANDRADE, Inês El-Jaick. **A idealização do espaço verde urbano moderno**. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. 2010. Vol.17 n.20, p. 102-117.
- BERJMAN, Sonia. El paisaje y el jardín como elementos matrimoniais. Una visión argentina. In: TERRA, C. e ANDRADE, R. O. (org). **Paisagens culturais: contrastes sul-americanos**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.
- BERQUE, Augustin. Paisagem, meio, história In: **Cinq propositions pour une théorie du paysage**. Paris: Editions Champ Vallon, 1994 (tradução Vladimir Bartolini, 2012).
- BERTHOZ, Alain. Les architectes ont oublié le plaisir du mouvement. In: **Le Sens du Mouvement**. Paris: Odile Jacob, 1997: p. 277-283. (tradução livre).
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BEVERIDGE, C. E. **Olmsted – His Essential Theory**. Twenty-fifth Anniversary issue of Nineteenth Century, the journal of the Victorian Society in America. Fall, v. 20, n. 2, p. 32–37, 2000b.
- BEVERIDGE, C. E. (1986). **Seven ‘S’ of Olmsted’s design**. National Association for Olmsted Parks. Disponível em: <<http://www.olmsted.org/the-olmsted-legacy/olmsted-theory-and-design-principles/seven-s-of-olmsteds-design>>. Acesso em: 17 jul.2018.
- DIEDRICH, Lisa. Entre a Tábula Rasa e a Museificação. In: **Paisagem e Patrimônio aproximações pluridisciplinares**. Évora: Dafne Editora, 2013.
- DONADIEU, Pierre. A construção de paisagens urbanas poderá criar bens comuns? In: **Paisagem e Patrimônio aproximações pluridisciplinares**. Évora: Dafne Editora, 2013.
- EISENMAN, Theodore S. **Frederick Law Olmsted, Green Infrastructure, and the Evolving City**. Journal of Planning History. Pensilvânia. 18 Dez. 2013. 12(4) 287-311.
- FERREIRA, Alda de Azevedo. **A permanência da paisagem: os princípios do projeto paisagístico de Haruyoshi Ono**. Dissertação em Desenvolvimento Urbano. UFPE. Recife, 2012.
- GIACOMONI, Claudia Hofheinz. **Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida**. Temas em Psicologia da SBP-2004, Vol. 12, nº 1, 43– 50.
- IFLA AMÉRICAS. **Carta da Paisagem das Américas**. Cidade do México, 28 Set.2018.
- LYNCH, Kevin (1918). **A imagem da cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NORBERG-SCHULZ, Christian (1979). **Arquitetura Occidental**. Barcelona: Gustavo Gili, S.A, 2007.
- SÁ CARNEIRO, Ana Rita. **Parque e paisagem: um olhar sobre o Recife**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.
- SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA, Liana de Barros. **Restaurando o Recife de Burle Marx: a Praça Faria Neves, a Praça do Derby e a Praça Euclides da Cunha**. Relatório de Consultoria. Laboratório da Paisagem/UFPE/ Prefeitura do Recife, 2003.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo. A paisagem como problema da filosofia. In: **Filosofia da paisagem. Uma antologia**. 2ªed. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

SILVA, Joelmir Marques da. **Arqueologia Botânica dos Jardins de Burle Marx**. A Praça de Casa Forte e a Praça Euclides da Cunha, Recife/PE. Dissertação em Desenvolvimento Urbano. UFPE. Recife, 2012.

SILVA, Joelmir Marques da. **La Conservación de um jardín histórico de Roberto Burle Marx**: el proceso de restauración de la Plaza de Casa Forte em Recife, Pernambuco, Brasil. Dissertação de mestrado em Desenho, Planejamento e Conservação de Paisagens e Jardins. Universidade Autônoma Metropolitana. Cidade do México, 2016.

TABACOW, José (org.). **Arte e Paisagem**. Conferências escolhidas. Roberto Burle Marx - 2ªed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

NOTAS

¹ MELO, Mirela Davi de. **O projeto paisagístico e o bem-estar na apropriação de praças em João Pessoa, Paraíba**. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/37968>.

² Pierre Donadieu é professor emérito de ciências da paisagem e pesquisador associado LAREP na Escola Nacional de Paisagem de Versalhes-Marselha. Doutor em Geografia pela Universidade de Paris, Engenheiro em Agronomia (ENSSAA Dijon) e Engenheiro de horticultura (ENSH Versailles). Desenvolve seus estudos em torno das teorias e abordagens do projeto de paisagem, políticas públicas de paisagem, geomediação de paisagem ou a diversificação de tráfegos paisagem.

³ Disponível em: <https://www.centralparknyc.org/press/image-downloads>. Acesso: 22/08/2025.

⁴ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Maps_of_Central_Park#/media/File:1860_Pocket_Map_of_Central_Park,_New_York_City_-_Geographicus_-_CentralPark-olmstead-1860.jpg. Acesso em: 22/08/2025.

⁵ Disponível em: <https://www.centralparknyc.org/press/image-downloads>. Acesso: 22/08/2025.

⁶ SILVA, Joelmir Marques da. **A Praça Euclides da Cunha, a paisagem sertaneja materializada em um jardim histórico moderno e patrimônio cultural do Brasil**. Patrimônio e Memória. São Paulo – Unesp. v. 14, n. 1, p. 126-150, 2018. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/3317/2615>.

⁷ No livro *“Le sens du Mouvement”*, Berthoz (1997) dedica o capítulo 14 aos arquitetos, com o título *“Les architects ont oublié le plaisir du mouvement”*. (P. 277-284).

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade das autoras.